

ERA DO CLIMA: Desafios urbanos

SP e região estão entre 'áreas mais críticas' para desastres climáticos

— Pesquisador do Cemaden alerta para concentração de chuvas em poucos dias e número de pessoas em áreas de risco; Estado investe em nova geração de piscinões no ABC

JULIANA DOMINGOS LIMA

São Paulo e sua região metropolitana estão entre as áreas "mais críticas do Brasil" para desastres climáticos, avalia o coordenador-geral de Operação e Modelagem do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), Marcelo Seluchi.

O meteorologista sinaliza a faixa leste, que inclui a região metropolitana e também o litoral e o ABC, como a mais suscetível no Estado a inundações e deslizamentos de terra – consequências das intensas chuvas recorrentes em São Paulo, principalmente pela alta proporção de pessoas morando em áreas de risco. Prefeitura e Estado têm projetos de dois piscinões para amenizar a questão.

O verão paulistano é tradicionalmente chuvoso, mas um levantamento de Seluchi mostra que as precipitações na capital têm ficado cada vez mais concentradas em poucos dias. O estudo usou dados da estação meteorológica do Mirante de Santana, na zona norte.

A conclusão é de que a quantidade de vezes em que choveu mais de 80 milímetros em um único dia – volume considerado limiar para deslizamentos – quadruplicou ao longo dos últimos 60 anos. "Já estamos verificando os efeitos das mudanças climáticas. O número de desastres nos últimos anos realmente assusta", diz o pes-



Jaboticabal foi desenvolvido com base em novos padrões de precipitação em S. Bernardo e S. Caetano

quisador do Cemaden.

Embora na capital não haja uma geografia que permita alagamento tão extenso quanto em Porto Alegre ou tenha caído tanta água em tão pouco tempo quanto em São Sebastião, na tragédia mais recente no Estado, chuvas seguidas de transtornos já fazem parte da realidade. Um temporal recorde – de 114 mm, o maior em 37 anos – fez transbordar os Rios Tietê e Pinheiros em fevereiro de 2020, pouco antes da pandemia, interditando as Marginais e deixando paulistanos ilhados. É um prenúncio de um problema que pode se agravar. "Os rios urbanos histórica-

mente foram tratados como canais de drenagem de águas poluídas, tamponados, sem a preservação de vegetação nas margens nem o reconhecimento de sua importância como espaço público e de qualificação ambiental", diz Luciana Ferrera, especialista em planejamento urbano e ambiental e professora da Universidade Federal do ABC (UFABC). Segundo levantamento feito em 2022 pelo Estadão em bases de dados oficiais, a Grande São Paulo tem mais de 132 mil imóveis em áreas de risco alto e muito alto em desastres climáticos.

Com os efeitos do fenômeno La Niña, que devem come-

çar a ser sentidos nas próximas semanas, porém, o prognóstico para a cidade no próximo ano é de redução das chuvas. Segundo Pedro Côrtes, isso não quer dizer que São Paulo estará livre de temporais nesse período – eles ainda podem afetar sobretudo os pontos crônicos de alagamento e as encostas da capital.

Mas destaca que o alerta deve estar aceso também para os efeitos do tempo seco à saúde e ao abastecimento de água. "As chuvas muito irregulares têm feito com que se alternem períodos em que há uma situação boa e outros em nível muito baixo dos reservatórios."

QUAIS SÃO AS SOLUÇÕES?

Além de obras de engenharia, Côrtes levanta possibilidade de adotar o "IPTU verde", um desconto no Imposto Predial Territorial Urbano para imóveis que adotem soluções ambientais que aumentem a absorção da água e ajudem a aliviar o sistema de drenagem. Luciana reforça a necessidade de integrar políticas de saneamento (especialmente a drenagem), habitação e urbanização de favelas, parques e áreas verdes, e repensar as concepções

E não só a chuva preocupa
Prognóstico para a cidade com La Niña é de redução de chuvas, o que pode afetar o abastecimento de água

de projeto e de infraestrutura.

Ao Estadão, a Prefeitura diz que oito piscinões estão em obras na cidade e outros três em fase de licitação. Afirma também que a Secretaria de Infraestrutura Urbana e Obras aplicou mais de R\$ 1,2 bilhão em obras de drenagem em 2023. O Estado destacou fazer medidas complementares às municipais para reforçar o sistema de drenagem urbana, além de implantar cinco piscinões, entre eles o Jaboticabal, desenvolvido com base nos novos padrões de precipitações na região para minimizar enchentes em São Bernardo e São Caetano. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Metrópole Caderno: A Pagina: 13